



Dora Ribeiroⁱ

tiros contra os céus

cresce
nas paredes de mim
morre
nas pedras de mim
nas nossas
letras agrícolas
uma violência
quieta
quente
que nem o dia
ou a noite
entendem

mirando o chão
e seus habitantes
e todo o caos
insistente

faço cessar
a paisagem
o nojo dela

quero chamar a palavra
mas não chove
mas poderia diluviar

je veux parler
des bulles
du savon
mas a água
pornográfica
escorre grave sobre
palavras e discursos

meu corpo
então
diligente
se prostitui logo
de
manhã
anunciando
o festim

este cemitério de rios
é o meu monumento

uma igreja
machadiana
do diabo

onde homens
vendem seus
chapéus

e
franjas franjas
me salvam da
grande força
moral

esquecer
recordar
suspiram ambos
pela exatidão da
mesma ferida

ó bashô
não deixe
que a
máscara-
-macaco
revele
o animal
que a veste

que ideia sou eu
cloreto de magnésio
clamor de sorveteiro
da faca seu gume?

em póvoa estrangeira
pareço corpo
esquecido na
consolação

estendido nas horas
desistido de paraísos
ouvinte do
martelo noturno
que sobe da calçada

dono dos paradoxos
que levam o fogo
como carne

muito me servem
o mal
e sua claris inferni

alba e nigra
explicações
pegam
despegam

uma vez engolida a alba
outras vezes a nigra

o fio
que anda perdido
acaba sendo procurado

entrado em
tortas sentenças
e tagarelice

perdido no dever de esquecer
que só pode lembrar

lutando contra
existência-de-uma
narrativa-só
acorda
sem
querer
a fruta
aberta da vida

sem técnica de
amontoar
ou coisa tramante
de valor
xáprálá este
modo
de colorir
as garras
e as rotas
pedregosas
cheias de conselhos
planos

aos comedores de
terra e ar
ficaria bem
novo repertório
para o enleado
vida-e-morte

à direita
à esquerda
meu anexim

numa constância
de águas
e jogos de
congregação
de fiéis

entre temores
e cidades
deseja a simetria
triste
das previsões
humanas

para o João Almino

sou pelas narrativas
fracas
pintadas
de modo crasso
em papel

que feito
macunaíma
dormem no meio
de uma queda

sou pelo desar
das histórias
e pela cegueira
do camelo
de averróis

sempre atropelando
as gentes

fruta impressionável
e nua
crua
chuta a proporção
áurea
a cada linha da
paisagem
humana

panos de segrel

aqui começam
os grandes pavores
que banham
vida & morte

feitos blandeza
apostados em
sandices

desiguais no
alumramento

trazem à boca
grandes
maravilhas
e línguas

rosa do sol
mar do mundo
ilha verde
da mente

não atropelai
o seu
cão
mas você
destelhou
minha casa
logo antes da
chuva

naturais lugares
de entender e
comprender
e outras questões
sem fruto
acabam fazendo
das sílabas
seus acidentes

feito João de Barros
perdido na cegueira
do mar
sabemos que todo nome
se declina em
casos sem tempo

ⁱ **Dora Ribeiro** (1960, Campo Grande/MS). Publicou os livros *Ladrilho de palavras* (coedição com Lélia Rita Figueiredo Ribeiro, 1984); *Começar e o fim* (Fundação Catarinense de Cultura/Prêmio Luis Delfino, 1990); *Bicho do mato* (7 letras, 2000); *Taquara rachada* (7 letras, 2002), *A teoria do Jardim* (Companhia das Letras, 2009) e *Olho empírico* (Babel, 2011). Mora em São Paulo.